



SEVERINO BOÉCIO: A LIBERDADE E A RODA DA FORTUNA

Jorge Luis Gutiérrez¹

"Um Decreto eterno foi estabelecido: nada do que o dia vê é definitivo"

(Severino Boécio)

Resumo: Este artigo tem como tema principal a obra de Boécio *A consolação da filosofia* (*De consolatione philosophiae*), e, especificamente, como o autor relaciona aqui sua liberdade com o Acaso e a Fortuna. A liberdade é um tema importante, pois no ano 524 d.C. Boécio estava na prisão de Pávia condenado à morte pelo grave delito que havia sido acusado: alta traição ao imperador Teodorico. *A consolação da filosofia* é um diálogo entre Boécio e a Filosofia. E será nesse diálogo que meditará sobre os temas que o estavam preocupando: Deus, a imortalidade, a providência e o acaso. Ele quer morrer consolado e Sócrates era o seu modelo. Assim, Boécio escreve um livro para consolar-se. Cria um enredo, uma ficção literária: imagina que em sua cela da prisão aparece a própria Filosofia. O artigo é o relato desse encontro, no qual Boécio, como bom discípulo da filosofia, à maneira dos antigos socráticos, dialogará com a Filosofia e ela lhe mostrará o caminho da consolação, sendo a liberdade um dos temas-chave desse encontro.

Palavras-chaves: Liberdade. Livre-arbítrio. Fortuna. Boécio. Acaso.

INTRODUÇÃO

"Eu, que outrora compunha poemas plenos de alegria, Ai, sou agora forçado a usar de tristes metros! E eis que as Musas me ditam versos de dor, E as elegias enchem meu rosto de verdadeiras lágrimas" (BOÉCIO, 1998, I, 7). Com essas palavras, começou Boécio (480-524 d.C.) sua obra mais conhecida: *A consolação da filosofia*. Era o ano 524. Boécio estava na prisão de Pávia. Condenado à morte e sem esperança de ser perdoado, ele se dedica a escrever. Não era tarefa fácil. Uma profunda depressão tinha se abatido sobre ele a partir do dia em que foi colocado atrás das grades. Ele se considerava inocente dos pesados delitos dos

1 - Doutor e mestre em Lógica e Filosofia da Ciência pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), área Teologia e História, mestre em Ciências da Religião pela UMEP, área Bíblia. Professor da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), e da Faculdade São Bento (FSB/SP). E-mail: jorgelrg@uol.com.br

quais era acusado: alta traição ao imperador Teodorico. Seu, sogro, Símaco, tinha conseguido subornar os guardas para fazer chegar a Boécio papel e tinta. O objetivo do livro era encontrar consolo. Porém, não qualquer consolo: tinha que ser consolo decorrente de argumentos filosóficos. Em outras palavras: teria que ser a consolação da filosofia. A Filosofia teria a missão de consolar um condenado à morte, que, como ele mesmo afirma em seu livro, estava com olhos cheios de lágrimas.

Já se falou que Boécio foi o último dos filósofos antigos e o primeiro dos medievais. É muito provável que essa afirmação esteja correta. Também foi um político importante: cônsul, mestre de ofícios e primeiro-ministro do rei ostrogodo Teodorico. Porém foi acusado de alta traição e foi aprisionado, julgado e condenado à morte. Uma de suas grandes preocupações foi trazer para o mundo latino a antiga sabedoria grega, assim, além da importante atividade literária, traduziu para o latim e comentou muitas obras de Platão, Aristóteles, dos neoplatônicos, dos escritores de matemática, geometria, astronomia e música do período helenístico. Entre suas principais obras se encontram *De Trinitate*; *De hebdomadibus*; *De lide catholica*; *Contra Eutichen et Nestorium*. Porém, foi *De Consolatione Philosophiae* que se tornaria a obra mais conhecida de Boécio. Um dos motivos para o sucesso da obra foi os temas que nela são tratados: o sofrimento dos inocentes, a providência, o acaso, a liberdade humana, a justiça divina, o tempo e a eternidade.

Boécio era considerado uma pessoa de "sorte". Pertencia a uma das famílias mais ricas de Roma, teve acesso aos estudos e uma vida bastante cômoda. É possível que tenha estudado em Atenas ou em Bizâncio, onde teria apreendido o grego. Era casado com uma das mulheres mais bonitas de Roma (Rustiniana) e foi genro de um homem rico, influente e sábio (Símaco). Boécio tinha uma vida boa. Por isso, no cárcere, ele sente que não há pior castigo para quem está triste que lembrar os momentos felizes. As lembranças o ferem e diante das reviravoltas da Fortuna afirma que "não há maior desgraça do que ter conhecido a suprema glória" (BOÉCIO, 1998, II, 7). Assim, parece que sua vida se dividiu em duas: "antes do cárcere" e "no cárcere". Colocado numa situação limite – a proximidade da morte – ele finalmente entendeu o que tinha verdadeiro valor na vida e o que era a verdadeira felicidade.

Assim, posto diante da morte, Boécio enfrentou o maior desafio filosófico da sua vida: morrer como um filósofo. Ele, como bom estudioso da filosofia clássica grega, conhecia a história de Sócrates, que tinha morrido como um verdadeiro filósofo e com isso tinha se tornado exemplo de dignidade filosófica na hora de enfrentar a pena de morte. Boécio tentará seguir esse exemplo. Porém sua humanidade o trai, trai seu corpo, sua fragilidade, suas paixões, a lembrança das alegrias e prazeres desta vida. As lágrimas – que Sócrates no momento da sua morte não tinha permitido nem sequer a seus discípulos – afloram abundantemente em seus olhos. E a lembrança desta terra, tão desprezada por Sócrates na hora da morte, se tornou para ele algo angustiante. Não consegue se desprender dos amores deste mundo. Chora e se lamenta. As lembranças de uma vida definitivamente perdida o consomem. E o

sentimento de estar sendo vítima de uma injustiça é algo pesado demais para ser suportado. As perguntas sobre Deus chegam, sobre a providência, sobre o destino após a morte, uma vez que seu destino antes da morte já estava decidido. Ele se sente, pelo menos num primeiro momento, vítima inocente do Acaso. Nessa situação qualquer consolo pareceria impossível.

Então, Boécio se encontra sozinho em sua cela, por isso o consolo virá de seu interior, do âmago de suas reflexões, de seus próprios pensamentos. Do que tinha apreendido da Antiguidade clássica: terá que encontrar dentro de sua bagagem de conhecimentos algo que o possa consolar. Sozinho, sem livros para consultar, sem amigos para falar, sem alunos para questionar. No início de sua obra se queixa de não ter em mãos sua biblioteca (BOÉCIO, 1998, I, 8). Sendo assim, ele terá que cavar nas profundezas de seu conhecimento para encontrar a palavra, o argumento, a doutrina, o pensamento de algum filósofo antigo, capaz de consolar seu coração atribulado. Nesse momento, para ele não adiantava orar, nem suplicar, nem se prostrar ante a divindade: sua convicção é que o consolo não viria dessas coisas. Para ele, o verdadeiro filósofo só tem a filosofia. Se a filosofia não é capaz de lhe trazer consolo, então é uma vã filosofia, inútil e estéril. A verdadeira filosofia tinha que, pelo menos, o ajudar a morrer bem. Sócrates era o exemplo.

A CHEGADA DA FILOSOFIA

Assim, Boécio escreve um livro para consolar-se. Isso mostra que ele, além de encontrar consolo, queria fazer literatura e deixar suas meditações para futuros leitores. Ele cria um enredo, uma ficção literária: imagina que em sua cela da prisão aparece a própria Filosofia. O livro será o relato desse encontro, no qual Boécio, como bom discípulo da filosofia, à maneira dos antigos discípulos socráticos, dialogará com a Filosofia e ela lhe mostrará o caminho da consolação. Ouçamos o relato desse encontro:

Enquanto meditava silenciosamente essas coisas comigo e confiava aos meus manuscritos minhas queixas lacrimosas, vi aparecer acima de mim uma mulher que inspirava respeito pelo seu porte: seus olhos estavam em flamas e revelavam uma clarividência sobre-humana, suas feições tinham cores vívidas e delas emanava uma força inexaurível. Ela parecia ter vivido tantos anos que não era possível que fosse do nosso tempo. (BOÉCIO, 1998, I, 2).

Boécio imagina que a própria Filosofia aparece em sua cela. Ele está só e somente conta com a sua imaginação e com o acervo filosófico que foi guardando por tantos anos em sua memória. Assim, nos últimos dias de sua vida, ele começa a escrever uma obra. E é no ato de escrever que encontrará conforto, consolo, esperança e imortalidade. E meditará sobre os temas que o estavam preocupando: Deus, a imortalidade, a providência e o acaso.

A grande pergunta era: onde se decide nosso destino? As alternativas para essa resposta eram muitas, porém, principalmente duas serão discutidas por ele: 1) a nossa vida está nas mãos de uma deusa cega, cruel e caprichosa, chamada Fortuna (*Tyche* em grego, *Fortuna* em latim, *Acaso* em português), ou 2) Há uma racionalidade que comanda o Universo, não há acaso, tudo está na ordem das causas e o bem triunfará finalmente, sendo que o mal é momentâneo e aparente. No seu enredo, Boécio começa jogando a culpa na Fortuna. E, sendo ela cruel, caprichosa e inconstante, pouca coisa podia ser feita, a não ser chorar e se lamentar. Os sofrimentos da velhice chegaram repentinamente, sem ser espertados. Os cabelos brancos e as rugas são as marcas visíveis do infortúnio de Boécio. A doença parece antecipar a morte, que teria sido doce se chegasse quando acabam os anos da vida, mas não quando a vida está nos "doces anos". Boécio se queixa que a Fortuna é malévola e que foi ela que o levou para a queda fatal.

A Filosofia aparecerá para demonstrar a Boécio que o mundo não está regido pela Fortuna, mas por uma razão universal: uma inteligência sábia e justa que tudo comanda e vê tudo.

ACASO OU PROVIDÊNCIA

Assim, em seus últimos dias, Boécio pensará sobre o destino dos homens. A mitologia afirmava que a vida sobre esta Terra era regida por uma deusa cega, cruel e caprichosa. Era a antiga deusa *Tyche* dos gregos, que no latim, a língua de Boécio, era chamada de *Fortuna*. Afirmava que ela regia o destino dos homens de maneira imprevisível. Assim, a vida estava marcada pela incerteza e o acaso. *Tyche* era a deusa do Acaso, ou simplesmente a Deusa Acaso. Acaso é a tradução da palavra grega *Tyche*, isto é, o nome da deusa. Para os gregos, essa deusa era cega. Algumas estátuas que chegaram até hoje mostram-na sem olhos: não podendo ver, ela distribuía favores e desgraças arbitrariamente. Isso dava à vida um tom trágico, pois estava sujeita a grandes mudanças e a viradas bruscas. O futuro era algo imprevisível, pois estava nas mãos da própria incerteza, do acaso, do sem causa e aleatório, de algo que estava fora da ordem causal das coisas.

Será essa compreensão do acaso, como aleatório, que será combatida pela Filosofia. Ela aparecerá para curar as "doenças da alma" de Boécio e para ter com ele um diálogo filosófico, que terá por finalidade consolá-lo. Sua aparição é algo grandioso "Sua estatura era indiscernível: por vezes, tinha o tamanho humano, outras parecia atingir o céu e, quando levantava a cabeça mais alto ainda, alcançava o vértice dos céus e desaparecia dos olhares humanos" (BOÉCIO, 1998, I, 2). Boécio descreve as vestes da Filosofia: eram de tecido delicado, perfeito e minuciosamente elaborado.

Porém, quando chegou a Filosofia, Boécio não estava sozinho. As Musas da poesia tinham chegado primeiro. Musas tristes que aumentavam sua dor e que, em vez de trazer consolo,

faziam com que ele tentasse encontrar consolo afundando na tristeza poética. Assim, a Filosofia terá como missão preliminar, antes de começar seu diálogo, expulsar essas Musas: "Quem permitiu a estas impuras amantes do teatro aproximarem-se deste doente?" (BOÉCIO, 1998, I, 2). Para a Filosofia, as Musas não podiam remediar a dor de Boécio, pelo contrário, elas acrescentavam doces venenos, com seus lamentos estéreis e paixões, e mataram a própria Razão nele.

Uma vez que as Musas se retiram envergonhadas, Boécio encontra-se sozinho com a sua dor e, então, através de suas lágrimas ele consegue ver a Filosofia.

A Filosofia não podia deixar sozinho um discípulo seu: sua missão era mostrar a Boécio que há duas compreensões da vida. A primeira é entender a vida regida pelo acaso, e a segunda, entender a vida regida por uma inteligência superior, isto é, pela Providência. Os ignorantes, afirma a Filosofia, têm por verdadeira a primeira, os sábios, a segunda. Boécio agradece dizendo para a Filosofia "Ninguém melhor que tu sabes reconfortar os espíritos abalados [...] graças a ti recobrei as minhas forças" (BOÉCIO, 1998, III, 1).

A RODA DA FORTUNA

Assim, Boécio começa a discutir o tema do acaso. Começa fazendo várias afirmações sobre a divindade que o representava: a deusa Fortuna. De início, no primeiro capítulo, ele atribui a Fortuna um caráter malévolo capaz de fazer com que ele deseje a própria morte: "Quando a malévola Fortuna me favorecia com bens perecíveis, quase me arrastou à queda fatal. Mas agora, tendo revelado seu vulto enganoso, eu imploro, e a morte se nega a vir a mim" (BOÉCIO, 1998, I,1).

Logo ele afirma que a Fortuna é caprichosa e cruel. A Filosofia então lembra a Boécio o que aconteceu com Sócrates, Epicuro, Anaxágoras, Zenão, Cânio, Sêneca e Sorano. No diálogo hipotético que Boécio desenvolve com a Filosofia, ela também fala como se fosse a Fortuna. Isto é, ela faz de conta que é a Fortuna, para assim, posteriormente, poder refutar os argumentos dela e expor sua compreensão sobre a Roda da Fortuna. A Filosofia pergunta: "Percebes essas coisas e as pões em teu coração? Ou és como o asno diante da lira? Por que choras? Onde vêm essas lágrimas? Fala francamente e do fundo de tua alma. Se esperas a cura do médico, deves mostrar-lhe a doença" (BOÉCIO, 1998, p. I, 8).

Boécio, recuperando a coragem, responde "Por acaso é necessário que venhas com tuas admoestações contemplar a crueldade com que a Fortuna me tratou?" (BOÉCIO, 1998, I, 8).

A queixa de Boécio é que nada adiantou ser um bom filósofo e que o exercício da filosofia não foi de nenhuma utilidade, pois não conseguiu libertá-lo das injustiças deste mundo e evitar a sua condenação. O seu saber filosófico não impediu que ele chegasse ao estado "terminal" em que se encontrava. Em vez de receber o verdadeiro prêmio pela jus-

tiça, reservado aos homens justos e sábios, estava sofrendo o castigo por um crime não cometido: o fardo mais pesado que a Fortuna pode afligir a alguém é que, aos olhos do povo, esteja sendo castigado justamente aquele que na verdade é inocente. Assim, a Filosofia pergunta para Boécio: "Achas que este mundo é conduzido por fatos acidentais e governado pela Fortuna, ou achas que é governado por uma Razão?". Ao que Boécio responde: "Seria impossível crer que um Universo tão bem ordenado fosse movido pelo cego acaso? Sei que Deus preside aos destinados à Sua obra, e nunca me desapegarei dessa verdade" (BOÉCIO, 1998, I, 2).

Para a Filosofia, o problema de Boécio é ter esquecido qual é a finalidade do Universo e quais são as leis que o regem. É só por isso que ele se lamenta e pensa que a Fortuna segue seu caminho arbitrário e é livre para fazer o que quiser.

Mas em que consistia o atuar da Fortuna e por que ela era atacada de maneira tão inflamada por Boécio? No livro II, a Filosofia, tomando momentaneamente a defesa da Fortuna, e só como um recurso pedagógico, dirá: "Minha natureza, o jogo interminável que jogo é este: virar a Roda incessantemente, ter prazer em fazer descer o que está no alto e erguer o que está embaixo. Sobe se tiverdes vontade, mas com uma condição: não consideres injusto descer, quando assim ditarem as regras do jogo" (BOÉCIO, 1998, II, 3).

Então, a pergunta era simples: Por que Boécio somente veio a reclamar da Fortuna quando ela lhe foi desfavorável? Quem aceita os favores da Fortuna deve saber que eles são momentâneos e perenes. Que a roda girará e que favores e desfavores se distribuem de maneira aleatória. Que não existe racionalidade nos feitos da deusa Fortuna. Que o que está acima desce e o que está embaixo sobe.

Boécio sempre tinha sido favorecido pela Fortuna. Agora ela lhe era contrária, e ele não pode suportar isso. Sente que sua vida mudou demais, o que era alegria se transformou em tristeza e o riso, em pranto. Sente que ele não estava preparado para essas voltas tão radicais. Ele, como filósofo, sabia que a vida dava voltas. Mas uma coisa era saber e outra era sentir e experimentar na própria carne essas voltas. Assim, ele agora tem que vivenciar o que sabia intelectualmente e sentir na própria vida a diferença. A dor não era só espiritual, era também na carne: a tortura e o desconforto se tornaram seu pão cotidiano.

A DESMITOLOGIZAÇÃO DA FORTUNA

Boécio não se resigna que a vida seja regida por *Tyche*, a cruel e caprichosa Deusa do acaso e da imprevisibilidade. Diante disso, ele começa a pensar que talvez haja outra explicação, outra maneira de olhar o mundo e a própria vida. Que talvez ele esteja errado em sua compreensão e análise de sua situação. Que quicá a explicação não esteja na Fortuna, mas em uma outra realidade, mais profunda e permanente.

Boécio pensa, então, que o Acaso não pode reger tudo, que, no máximo, poderia reger as relações deste mundo perene e sensível (e aqui Boécio é platônico). Ele afirma que há uma outra realidade em que o acaso, isto é, a deusa *Tyche*, não tem vez, que acima, mais alto que ela, há um Deus superior que tudo sabe e tudo enxerga, e que esse Deus fará finalmente a justiça. Para poder desenvolver essa ideia seria necessário desmitologizar o Acaso e colocá-lo simplesmente na ordem causal das coisas. Assim, Boécio pede para a Filosofia que lhe explique de uma maneira definitiva o que é o acaso. Nessa explicação não está presente a antiga compreensão mitológica da Fortuna, mas uma explicação na ordem causal, isto é, a explicação formulada por Aristóteles: "toda vez que uma ação é realizada com um determinado fim, mas algo além do que estava sendo procurado acontece por uma razão ou outra, isto se chama acaso" (BOÉCIO, 1998, V, 1).

O CONSELHO DA FILOSOFIA: NÃO ESPERAR E NÃO TEMER

Assim, diante de um mundo em que às vezes os acontecimentos nos surpreendem, e onde pode acontecer o inesperado, e no qual às vezes não podemos explicar as causas, a Filosofia dá um conselho:

Todo o que é sereno e tem a vida regrada,
Que calca aos pés o Destino
E que vê retamente os dois lados da Fortuna
Pode ter o vulto imperturbável.
Tal homem ficará impassível perante a fúria ameaçadora do mar
Cujas vagas se alçam das profundezas;
E do Vesúvio, quando explode, e espalha turbilhões de fogos e vapores;
E também na passagem do raio que mata;
Em tudo é impassível (BOÉCIO, 1998, I, 7).

Se a dor de Boécio era causada pelo fato de perdido suas posses, e porque essa perda tinha acontecido de maneira inesperada e inexplicável, então a solução era não esperar mais nada. Simplesmente deixar a esperança de lado:

Não esperes nada, não temas nada,
e desarmarás teu adversário.
Quando estás agitado de temor ou esperança,
É preciso seres calmo e controlado,
Sem o escudo e sem o antigo jugo,
E tomar a sina que te cabe (BOÉCIO, 1998, I, 7).

Temor e esperança são colocados do mesmo lado. Um gera o outro. Diante deles era necessário estar calmo e controlado. Boécio pensava que eles não nos podem dominar, que somos nós que temos que dominá-los. Assim, apaziguado e liberto do temor e da esperança, Boécio abriu as portas para uma vida na qual o acaso não podia dominar a vida humana. Realiza a tarefa filosófica de desmitologizar o acaso. Epicuro (341-270 a.C.) já tinha feito algo similar em sua *Carta a Meneceu*, quando afirmou que o acaso não era um deus:

Entendendo que a sorte não é uma divindade, como a maioria das pessoas acredita (pois um deus não faz nada ao acaso), nem algo incerto, o sábio não crê que ela proporcione aos homens nenhum bem ou nenhum mal que sejam fundamentais para uma vida feliz, mas, sim, dela pode surgir o início de grandes bens e de grandes males. A seu ver, é preferível ser desafortunado e sábio, a ser afortunado e tolo; na prática, é melhor que um bom projeto não chegue a bom termo, do que chegue a ter êxito um projeto mau (EPICURO, 2000, p. 52-53).

Esta desmitologização do acaso era para Epicuro o começo do caminho para a felicidade:

Na tua opinião, será que pode existir alguém mais feliz do que o sábio, que tem um juízo reverente acerca dos deuses, que se comporta de modo absolutamente indiferente perante a morte, que bem compreende a finalidade da natureza, que discerne que o bem supremo está nas coisas simples e fáceis de obter, e que o mal supremo ou dura pouco, ou só nos causa sofrimentos leves? Que nega o destino, apresentado por alguns como o senhor de tudo, já que as coisas acontecem ou por necessidade, ou por acaso, ou por vontade nossa [...] (EPICURO, 2000, p. 49).

Assim, para Boécio, muito depois de Epicuro, tudo o que se espera desta vida é somente acaso, então o que menos podemos esperar é um final feliz na procura da felicidade.

A FELICIDADE INDEPENDE DA FORTUNA

Finalmente, a grande conclusão de Boécio é que a verdadeira felicidade independe da fortuna:

Se consegues ser senhor de ti mesmo, possuirás algo que jamais poderás perder nem a Fortuna te arrebatara. E, para que aprendas melhor que a felicidade independe da fortuna, segue meu raciocínio. Se é verdade que a felicidade é o supremo bem de uma natureza guiada pela razão, fica claro que a instabilidade da Fortuna não tem nenhum conhecimento da natureza da felicidade (BOÉCIO, 1998, II, 7).

Para Boécio, não há nada na Fortuna que mereça ser procurado, não há nada nela que seja intrinsecamente bom, uma vez que ela beneficia pessoas más não é capaz de tornar bom aquele que a ela se associa. E, finalmente, porque tudo acaba com a morte e com a destruição do corpo. Porém, acima de *Tyche* – a cruel, insensível, indiferente e caprichosa deusa da Fortuna – há um deus justo e sábio que tudo vê.

Boécio termina seu livro em tom de oração, evocando o eterno, pensando em Deus:

Aquele que nos, observa do alto, que perdura eternamente, que tem a presciência de todas as coisas, é Deus, que, com a eternidade sempre presente de seu olhar, concorda com qualidade futura de nossas ações distribuindo aos bons as recompensas e aos maus os castigos. E não é em vão que colocamos em Deus nossas esperanças e preces, as quais sendo justas, não podem permanecer sem algum efeito. Afastai-vos, portanto, do mal e cultivai o bem, elevai vossas almas à altura de vossas Justas esperanças e fazei chegar aos céus vossas humildes preces. A menos que queirais esconder a verdade de é grande a necessidade que tendes de viver segundo o bem, quando agis sob os olhos de um Deus que tudo vê (BOÉCIO, 1998, V, 11).

Assim, colocando sua fé na divindade, que observa do alto, Boécio terminou sua obra. Lembrou o olhar eterno e sempre presente de Deus, para expressar sua última esperança: os maus serão punidos e os bons recompensados, pois, como afirma em sua última frase, o mundo está sob o controle de um Deus que tudo vê. Se Deus está no controle do mundo então, para Boécio, há motivos para morrer com esperança. Pois, se a justiça não foi feita neste mundo, é possível esperar que seja feita num outro mundo. É a esperança de um condenado à morte. Quando acabam todas as esperanças nesta vida, só resta mergulhar na angústia ou no desespero, isto é, colocar as esperanças numa outra vida. Assim, Boécio termina desesperado e esperançado. Pode parecer muito pouco, porém podemos pensar que essa esperança desesperançada permitiu a esse filósofo morrer como ele queria: como tinha morrido Sócrates.

Severinus Boethius: freedom and the wheel of fortune

Abstract: the main theme of this paper is Boethius' main work 'The Consolation of Philosophy' (De Consolatione Philosophiae), specifically it aims on how the author relates freedom to chance and fortune in this work. Freedom is an important theme to Boethius, for in 524 he was in a prison in Pavia. He was sentenced to death for the grave offense of high treason against Emperor Theodoric. The Consolation of Philosophy is dramatized as a dialogue between Boethius and Philosophy. And in this dialogue he will reflect on the themes that worried him at the time: God, immortality, providence and chance, as he wanted to die comforted. Socrates was his role model.

Thus, Boethius writes a book to comfort himself, creating a plot, a literary fiction: he imagines that Philosophy materializes itself in his cell. As such, this paper centers in the encounter in which Boethius, a good disciple of philosophy such as the ancient Socratics, dialogues with Philosophy and will see the path that leads to his consolation, and freedom being at the core of this meeting.

Keywords: Freedom. Free will. Fortune. Boethius. Chance.

REFERÊNCIAS

BOÉCIO, S. *Consolação da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOËCE. *La consolation de la philosophie*. Paris: Librairie Garnier Frères, 1937.

EPICURO. *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

FERREIRA, J. O "De consolatione philosophiae" de Boécio. In: SEMANA DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 10. Pensamento Medieval. São Paulo: Loyola, 1983. p. 34-46.

GALONNIER, A. (ed.). *Boèce ou la chaîne des savoirs*. Louvain, Paris: Peeters 2003.

MARENBRON, J. Le temps, la prescience et le déterminisme dans la Consolation de Philosophie de Boèce. In: GALONNIER, A. *Boèce ou la chaîne des savoirs*. Louvain, Paris: Peeters, 2003. p. 531-546.

MARENBRON, J. *Le temps, l'éternité et la prescience de Boèce à Thomas d'Aquin*. Paris: Vrin, 2005.

MORESCHINI, C. (ed.). *Boethius: De consolatione philosophiae. Opuscula theologica*. 2nd. ed. Leipzig: K. G. Saur, 2005.

Recebido em julho de 2018.
Aprovado em outubro de 2018.